

Revista do Domingo: Jornal do Brasil, Páginas Femininas e Moda

Heloisa Helena de Oliveira Santos*

Introdução

Este trabalho é o resultado das primeiras análises que estou desenvolvendo no Programa de Pós Graduação em Design da PUC-Rio sobre história da moda e do vestuário na mídia durante o século XX. O objeto desta pesquisa é o Jornal do Brasil – um dos jornais mais importantes em nossa sociedade durante décadas – que, em 1959, redesenha um de seus encartes, a Revista do Domingo.

Ainda que nos anos mais recentes, a Revista de Domingo tenha se tornado um semanário de variedades, em suas edições iniciais, ele tinha como objetivo atender a um público específico, qual seja, o feminino. Como ainda estou no início das análises, as reflexões do ensaio que se segue se referem apenas aos seis primeiros meses de publicação. Uma informação inicial sobre o material a ser analisado - a Revista DE Domingo – deve ser fornecida. Em 1959, esta seção do jornal recebe uma nova diagramação que a diferencia do restante do jornal, deixando seu título em destaque e mais claro para o leitor, e dando mais espaço para as imagens. Neste momento, a Revista de Domingo deixa de ser conhecida como “Revista DO Domingo”, que parecia uma continuidade do Jornal do Brasil e não uma seção especial exatamente em razão desse falta de destaque para o nome e excesso de textos.

Em suas edições iniciais, esta nova versão da revista não se auto referencia como uma publicação voltada especificamente para as mulheres, ainda que suas páginas tragam colunas cuja temática parece remeter a elas como seu público essencial. É quando a Revista ganha uma nova diagramação com destaques para temáticas sobre o mundo doméstico, temas associados às artes e a vida de artistas, ela passa a se chamar Revista DE Domingo, como já ressaltado. Essa alteração ocorre na segunda semana de Janeiro de 1959 e a distinção é importante para este trabalho, posto que o mesmo inicia suas análises no momento desta mudança de foco da publicação.

Iniciarei este texto tratando desta nova atenção recebido pelo público feminino

* Aluna do primeiro ano de Doutorado no Programa de Pós Graduação em Design – PUC-Rio.

no Jornal do Brasil e sobre o que é considerado parte do “interesse” destas mulheres. Em seguida, falarei sobre a moda como tema central da Revista do Domingo. Posteriormente, abordarei a questão do uso de literatura em pesquisa a partir de algumas teorias da sociologia, da antropologia, da história e da crítica literária que utilizei em minha dissertação de mestrado. Por fim, farei breves considerações sobre a relação entre literatura/mídia impressa e as noções de disseminação de padrões de comportamento nas diversas sociedades a partir da teoria de Niklas Luhmann, sociólogo alemão alinhado à teoria dos sistemas.

Revista de Domingo: as “Páginas Femininas”

A escolha da Revista de Domingo como objeto de estudo se deu porque mesmo que não tenhamos buscado informações detalhadas sobre quem eram os leitores do Jornal do Brasil neste período, nos interessou o fato de esta publicação desenvolver um semanário separado voltado para as mulheres. Ainda que não tenhamos instrumentos neste momento para afirmar a razão, é possível afirmar que o público feminino estava se tornando alvo de atenção do diário. As correspondências recebidas e publicadas na Revista de Domingo confirmam, por sua vez, que houve uma resposta por parte deste público.

A Revista de Domingo, como era ressaltado em sua terceira edição, continha “12 páginas especialmente para a mulher” e, como podemos imaginar, nelas eram distribuídas colunas, seções e notícias que, naquele período, eram considerados “assuntos femininos”. Assim, as “Páginas Femininas”, como também eram denominados os materiais publicados, tratavam de uma série de temas voltados para aquilo que uma mulher deveria se interessar.

Desta maneira, é fundamental, com o objetivo de analisar esta publicação, conhecer os assuntos que se destinavam “a elas”. Uma classificação mais geral sobre esses assuntos considerados “de mulher” pode ser feita e podemos afirmar que todos se referem, de alguma maneira, a temas “domésticos”.

Antes de apresentar análises mais detalhadas sobre as seções do semanário, gostaríamos de acentuar um fator interessante sobre a leitura no período: ainda era grande o número de mulheres analfabetas na década de 1960. Temos de considerar, no entanto, que o Jornal do Brasil não era um diário popular, no sentido de que seu público

alvo não era formado pelas classes mais baixas da sociedade, o que nos levaria a crer que as mulheres que a ele tinham acesso eram, no mínimo, letradas. Para aquelas que não o sabiam, entretanto, muitas imagens permitiam que o jornal fosse também “lido”. De qualquer modo, para aquelas que sabiam ler, é muito claro que temas “públicos” não eram percebidos como atraentes ou pertinentes. Após esta observação, podemos definir com mais atenção, as matérias e colunas da Revista de Domingo podem ser classificadas em:

a) moda e vestuário: penteados e maquiagem, modelos de peças do vestuário feminino e infantil, cursos de corte e costura e de artesanato;

b) cuidados do lar: culinária, organização doméstica, decoração de interiores, dicas domésticas mais gerais, como retirada de manchas ou cuidado das plantas;

c) família: educação e cuidado das crianças, religião, problemas de relacionamentos do casal;

d) cuidados da mulher: medicina, ginástica, cuidados com a pele, unhas e cabelo, autoestima;

e) programação cultural: rádio, televisão, cinema, teatro e dança são tematizados, assim como notícias sobre personalidades famosas.

f) notícias: um resumo com destaques do período, assim como notícias importantes envolvendo mulheres;

g) Ficção: ora no formato de folhetim, ora em contos mais curtos;

Algumas reflexões podem ser realizadas a partir deste levantamento inicial. Primeiramente, é interessante destacar esta preocupação do jornal em desenvolver um espaço separado, especialmente direcionado para a mulher. Esta área, reservada para assuntos que não eram tema no restante do jornal, indica que temas como política e economia não eram lidos por mulheres ou não eram vistos como assuntos de seu interesse ou alçada. É de fundamental importância destacar que esta separação não indica que as mulheres do período não tinham curiosidade por estas temáticas, mas que na percepção do editorial do jornal, havia assuntos que eram de seu especial interesse, ou que deveriam ser de seu interesse.

Em segundo lugar, a construção do semanário também se revela bastante

diferenciada para elas com especial ênfase nas imagens, sejam elas de fotografia ou ilustrações. Mesmo a primeira página do Jornal do Brasil não possuía aquela quantidade de imagens e ilustrações¹. Como já ressaltado acima, havia um número muito maior de mulheres não letradas em nossa sociedade (Lajolo e Zilbermam, 2002), o que pode justificar esta diferença nos materiais.

Após fazer estes apontamentos iniciais sobre a Revista de Domingo e as Páginas Femininas, me deterei mais atentamente para aquele que era o tema mais presente no semanário: a Moda e o vestuário.

Mulheres e Moda: a centralidade do vestuário no cotidiano da mulher leitora

Como foi possível perceber por meio das observações realizadas na primeira parte deste ensaio, era no âmbito do “doméstico” que se encontrava o interesse da mulher, segundo o Jornal do Brasil. No entanto, dentre os temas apontados acima, havia um que se destacava pela frequência com que aparecia e pelo espaço que ocupava nas páginas da Revista de Domingo: este tema era a Moda², ou seja, o vestuário, seja ele o feminino, seja o infantil.

Nos seis meses de publicação analisados até o momento – janeiro a junho de 1959 – temas associados ao vestuário estão presentes em no mínimo cinco páginas das doze que compõe o semanário³, podendo chegar a seis, como ocorre em algumas edições. Em geral, as páginas que tematizavam o assunto eram integralmente voltadas para ele, com diferencial para a capa da Revista que podia conjugar temas sobre moda e relacionamentos, por exemplo. É relevante assinalar que todas as capas do período analisado fizeram referência a temas relacionados à moda ou possuíam ilustrações ou fotografias de moda. Algumas capas, em realidade, eram integralmente voltadas para o vestuário, podendo inclusive não conter sequer menções a outras seções e colunas do semanário.

¹ O que pode indicar ainda uma sociedade muito menos voltada para as imagens.

² É relevante destacar que aqui entendo a Moda não como um fenômeno amplo que atinge todas as áreas da vida social e encontrado em diversos momentos da história, como o faz Tarde (2001) e outros, mas como uma relação social própria da sociedade moderna e que tem no vestuário uma de suas mais importantes – senão a mais importante – configuração (ver Lipovetsky, 1989; Barthes, 2009).

³ O número de páginas da Revista de Domingo era fixo.

Na primeira edição da Revista de Domingo, a moda aparece mais em fotografias das roupas de grandes personalidades ou estilistas estrangeiros. Já na sua segunda edição, temos uma aula em que as leitoras são ensinadas a cortar e montar um conjunto de casaco e saia. Na capa desta mesma edição, há ainda uma menção ao futuro lançamento de uma nova coluna sobre moda, a “18 figurinos práticos e modernos”. Esta coluna, ainda que com uma alteração de nome e diagramação, se mantém nos seis meses do material analisado. De qualquer modo, é bastante perceptível que a moda cresce em importância neste primeiro momento da publicação.

Já na terceira edição, um personagem inicia seus trabalhos na revista e merece destaque em razão de sua participação ganhar, a medida que o tempo passa, grande importância na publicação: Gil Brandão – ilustrador de moda, modelista, médico e arquiteto – que inicia sua participação na revista assinando um curso de corte e costura e que, algum tempo depois, está assinando quatro seções do semanário, todas voltadas para moda. Esta edição tem especial importância para este trabalho, pois é quando podemos perceber que a capa é desenvolvida com o fim de dar destaque para a mulher – é a primeira edição que traz uma chamada acentuando ser o semanário essencialmente para elas - e para os assuntos de moda, algo que se torna padrão deste momento em diante.

Analisando o conjunto destes seis meses, as quatro colunas que Gil Brandão assume se tornam as mais importantes no que se refere à moda no semanário. Para conhecimento do leitor, farei algumas observações breves sobre cada uma delas:

a. Aprenda a Costurar

Essa foi a primeira coluna assinada por Gil Brandão. Nela eram publicados, no formato de lições, aulas de modelagem, corte e costura⁴. Segundo Gil Brandão, este era um “método simples e objetivo de como se cortar e costurar” (Revista de Domingo, 25/01/1959: 11) que tinha como público mulheres que podiam não ter quaisquer conhecimentos sobre corte e costura, pois, como observou o autor, costurar “bem se baseia em um pequeno trinômio: paciência, bom gosto e um pouco de imaginação” (Revista de Domingo, idem).

⁴ A confecção de uma peça do vestuário possui várias fases, sendo que podemos resumir em seis as principais etapas: a) escolha do modelo e do tecido; c) desenvolvimento do molde da peça em papel; d) corte da peça no tecido com auxílio dos moldes em papel; e) costura da peça e; f) prova da peça.

Assim, por meio desta coluna, as mulheres desenvolviam suas habilidades na área de modelagem e costura, de forma que podemos mesmo indicar que, de alguma maneira, a coluna tinha um caráter profissionalizante;

b. Modelo da Semana

Essa foi a segunda coluna assinada por Gil Brandão e sua primeira edição é de Fevereiro de 1959. Esta seção trazia a ilustração de moda acompanhada de seu molde pronto, em um formato que se assemelha muito a revistas contemporâneas, como é o caso da Revista Manequim⁵. O molde da peça ilustrada vinha completo, em um tamanho definido⁶, nas páginas centrais do caderno. Para ser utilizado devia ser copiado com um papel transparente, como o vegetal ou o manteiga e, posteriormente, posicionado sobre o tecido para o corte. Esta seção se torna um sucesso absoluto, ocupa diversas capas da Revista e, em menos de seis meses, passa a se dedicar exclusivamente à publicação de pedidos das leitoras que escolhiam o modelo a ter seu molde pronto publicado.

c. Escolha seu modelo

Esta publicação foi uma atualização da coluna “18 modelos práticos e modernos”. Quando Gil Brandão assume a coluna, em meados do mês de Março de 1959, a mesma recebe uma nova formatação, deixando de apresentar 18 ilustrações de moda para publicar entre seis e oito, apresentando bonecas mais modernas e menos estáticas. Nesta coluna, o objetivo não era educativo ou formativo, mas informativo, na medida em que divulgava as novidades em vestuário, de modo que a leitora pudesse escolher o modelo que gostaria de desenvolver, seja costurando para si própria ou levando a uma profissional especializada. A coluna também têm uma resposta muito positiva das leitoras,

⁵ Este era um formato muito comum no período: o próprio Gil Brandão, em sua coluna “Aprenda a Costurar” acentua a popularidade deste tipo de publicação no país (RD, 19/04/1959).

⁶ Em geral, o molde vinha no tamanho 42 ou 44 que tinham como medidas de circunferência de cintura 64cm e 68 cm, respectivamente. Estas são as medidas para os corpos 34 e 36 nas tabelas atuais, revelando uma alteração profunda nos padrões dos corpos das mulheres brasileiras. A diferença entre as medidas de circunferência de cintura e quadril era, no período, de 30 cm, o que caracterizava o “corpo de violão” (ou seja, para uma cintura de 64cm correspondia um quadril de 94cm). Atualmente, esta diferença é de cerca de 22 cm, o que define formas mais retas do que a anterior.

pois, assim como na coluna “Modelo da semana”, logo inicia-se a publicação de modelos pedidos por elas, incluindo vestidos de noiva e de debutantes. Esta coluna ocupou algumas das capas da Revista de Domingo, muitas vezes tomando-a integralmente;

d. Nossas Crianças

Coluna que seguia o formato da anterior, mas com modelos do vestuário infantil de meninos e meninas, com foco no segundo grupo, que apareciam com muito mais frequência. A leitora – que podemos suspeitar era, em geral, mãe – se atualizava sobre novos modelos para crianças, assim como os melhores tecidos para serem fabricados, informação que também estava na coluna “Escolha seu modelo”.

Essas quatro colunas fornecem um panorama sobre como a moda era tratada no Jornal do Brasil. Além destas quatro, havia uma quinta seção não tão padronizada que tratava de assuntos sobre vestuário de forma mais variada, podendo falar de temas como a importância do uso de chapéus ou sobre elegância. Esta coluna não era assinada e podia não ser publicada, algo que não acontecia com as colunas anteriores.

Após apresentar em linhas gerais a forma como a moda era tratada nas páginas da Revista de Domingo, falarei brevemente sobre metodologia de pesquisas que utilizam literatura como objeto de pesquisa e, em seguida, farei algumas considerações finais sobre a editoração de materiais “femininos”, ou seja, considerados de interesse das mulheres no período, acentuando a questão do ensino e disseminação de padrões.

Breves apontamentos sobre os usos de Literatura em pesquisa em Ciências Humanas e Sociais

Antes de finalizar este ensaio, acredito ser relevante fazer algumas observações teórico-metodológicas sobre o uso de literatura em pesquisa. Estes apontamentos se referem centralmente aos estudos desenvolvidos sobre literatura durante minha pesquisa de mestrado, momento em que analisei romances. Este material, no entanto, pode ser aproveitado de forma muito interessante nas análises da literatura de jornal.

O uso da literatura nas pesquisas históricas é muito comum e a literatura

jornalística tem um lugar institucionalizado neste campo, em razão de se tratar de uma literatura que trata de fatos, em oposição, por exemplo, à literatura de ficção, que envolve um lado imaginativo mais frequente. É importante ressaltar, no entanto, que utilizar a literatura jornalística como objeto não significa que estejamos trabalhando com um material “verdadeiro” e que o mesmo reflita a sociedade “real”, embora seja exatamente esta a impressão que usualmente se busca fornecer quando é desenvolvido um texto para este tipo de publicação.

Como ressaltava Candido (2004: 39) sobre a literatura de ficção, “o sentimento da realidade na ficção pressupõe o dado real mas não depende dele”, sendo que a mesma afirmação pode ser estendida ao material jornalístico, na medida em que o mesmo é sempre um dos vieses possíveis na leitura de um determinado fato, pois é apenas um dos textos viáveis para ele (Geertz, 1989). O ideal de realismo não deixa de ser um recurso estético (Watt, 1996), uma forma de recriar um evento e legitimar um discurso (Foucault, 1988). No entanto, esta recriação não é igual à sociedade na qual esta literatura se baseia e/ou se refere, pois é um mundo em si mesmo, com leis e lógica próprios, ainda que *sempre* estabeleça uma relação com este ambiente em que está inserido/cria (Luhmann, 1991⁷; Candido, 1985).

É relevante, por outro lado, analisar com bastante cuidado quem é a voz que compõe o texto ou textos. Como ressaltava Culler (2000), todo enredo – e o mesmo pode ser dito para o material jornalístico – é apresentado a partir do ponto de vista de uma das personagens ou do narrador do texto que, deve-se enfatizar, não deve ser confundido com o autor⁸, podendo a voz deste autor variar no decorrer do mesmo. Quando o objetivo do autor se altera, quando ele tem uma intenção, a apresentação das ideias do texto pode ser modificada. Uma consequência desta variação é a de que se torna fundamental, para uma boa análise, saber qual discurso é escolhido e em que momento. Com base nestas observações, é de fundamental importância estarmos atentos sobre as concepções da voz que produz o texto no momento da análise de uma matéria de jornal.

Ademais, devemos ressaltar que utilizar qualquer tipo de literatura como objeto

⁷ Para Luhmann (1991), a literatura, além de estabelecer esta relação com os elementos da sociedade, também constitui a mesma, na medida em que codifica, fixa e dissemina comportamentos.

⁸ É muito importante ressaltar esta distinção entre autor e narrador. Na narrativa de ficção, esta distinção é muito relevante, na medida em que um autor conservador pode, por exemplo, criar personagens liberais. Neste sentido, um autor de texto jornalístico não necessariamente narra os fatos de acordo com aquilo que considera correto ou verdadeiro.

de estudo a fim de compreender as sociedades que viveram antes de nós exige um esforço de distanciamento semelhante ao de um antropólogo com seu objeto de estudo, seja quando ele está diante de uma sociedade estranha ou de sua própria sociedade. Interrogar textos literários apresenta algumas dificuldades parecidas com a de uma entrevista direta com um nativo, pois assim como o texto, uma conversa com o informante possui silêncios e lacunas muitas vezes intransponíveis (Darnton, 1996).

Além desses fatores, é necessário não confundir a sociedade que se estuda e que está presente no discurso literário com aquela em que o pesquisador está inserido, pois as mentalidades que produzem materiais na sociedade brasileira de meados do século XX não são idênticas às da sociedade atual simplesmente porque são brasileiras. Conseqüentemente deve-se ter cuidado e evitar analisar os textos como se houvesse uma identidade comum entre o período atual e a sociedade analisada. Desta maneira, como aponta Facina (2004), “interpretar um determinado fenômeno histórico é reconstruir a teia de significados que o produziu, o que depende da imersão do historiador em seu campo, onde os seus informantes ‘falam’” através dos textos. Deste modo, o pesquisador que trabalha com textos deve produzir este “efeito de estranhamento”, a fim de captar os diferentes discursos presentes em seu objeto.

Considerações Finais: moda no Jornal do Brasil, um assunto de mulher

Feitas estas ponderações iniciais sobre as diversas seções para as mulheres do Jornal e sobre a importância, dentre estas seções, da moda, podemos indicar que o Jornal do Brasil, até meados do século XX, apresentava uma separação política muito clara entre os assuntos masculinos e femininos, tomando para si um papel que pode ser considerado “educacional”, na medida em que ensinava às mulheres por meio de suas colunas e matérias, o que era importante ao conhecimento de uma mulher: quais eram os assuntos femininos, enfim. Ademais, podemos dizer que, por meio das páginas da Revista de Domingo, se disseminava – e, logo, se reificava – um modelo de feminino, ou seja, um ideal daquilo que este sujeito deveria ser.

As ideias de ensino e disseminação aqui destacadas remetem à Luhmann (1991) que, analisando os romances do século XVII e XVIII, demonstra o papel destas obras não apenas na educação, quanto na disseminação de sentimentos de amor. Para o autor, as leitoras europeias destes séculos aprenderam, por meio destas obras da literatura, a

sentir mesmo o amor, assim como a expressá-lo e a reconhecer seus sinais. Luhmann (1991) considera que a literatura, na medida em que constitui a semântica de um determinado período, está inserida em um processo de reorientação dos valores, fixando e codificando os comportamentos que estavam em ação na sociedade, e, também, disseminando-os entre os leitores. A literatura engendra representações que se disseminam no cotidiano e que intervêm na forma como se desenvolvem as condutas e, conseqüentemente, no processo social. Assim, considero que por meio da leitura - ficcional ou não - seja possível disseminar comportamentos, de maneira a construir determinadas formas do ser, uma vez que o educa em seus modos de sentir, comportar, etc.

A partir desta afirmação e considerando as observações feitas sobre as páginas voltadas para a mulher nestes seis meses do ano de 1959, assim como a centralidade das colunas sobre moda, é possível perceber que a mulher que se concebia no período era essencialmente voltada para os assuntos domésticos e, especialmente, para a aparência física, para o modo como se exibia o corpo, de modo que podemos considerar que o JB, ao associar o feminino com os temas apontados acima, reificava um perfil de mulher comum ao período, ou seja, uma mulher “do lar”, preocupada não com os assuntos da sociedade em geral, do mundo público, mas com seu visual, sua estética. Devemos destacar que é relevante a ausência de temas como formação profissional e trabalho nas Páginas Femininas, ausência esta reveladora do tipo de mulher considerada correta ou padrão para o período.

Desta forma, assuntos de interesse feminino significavam para o Jornal do Brasil, como já indicado, assuntos estéticos e domésticos, assim como o eram considerados na sociedade de modo mais amplo, a moda representando um papel essencial. O que queremos indicar é que o Jornal do Brasil reproduzia, no que se refere a sua classificação de temas, a percepção sobre os gêneros encontrada nas representações sociais comuns da sociedade. Ainda que diversas alterações estivessem ocorrendo nos modos de se conceber mulher, os temas percebidos como femininos eram, naquele momento, os relacionados ao lar e à aparência que tinham – e ainda têm – no vestuário uma de suas principais fontes de resposta. Assim, a história das publicações em nossa país demonstra que, politicamente, discursos sobre os gêneros estavam sendo disseminados cotidianamente e, no caso aqui discutido, mantendo e reificando formas

culturalmente padronizadas do ser ao divulgar estes comportamentos como próprios para a mulher.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. “Dialética da Malandragem”. In: *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004a;

CULLER, Jonathan. *Literary Theory: A Very Short Introduction*. Oxford University Press/USA, 2000; BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2009;

DARNTON, Robert. “Apresentação”. In: *O grande Massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1996;

FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004;

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade: Volume I*. São Paulo: Graal, 1989;

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989;

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A Leitura rarefeita: Leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002;

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989;

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991;

TARDE, Gabriel. *Les lois de l'imitation*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 2001;

WATT, I. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.